

Uma lufada de ar fresco

Hoje, estou do contra. É ousado, eu sei. Vivemos num presente em que apenas procuramos o reflexo de nós, numa nova versão de narcisismo contemporâneo: nas redes sociais, lemos e ouvimos apenas aqueles que pensam como nós; e os algoritmos informativos também apenas permitem que nos chegue a informação com a qual antecipadamente nos identificamos. Vivemos uma acelerada homogeneização da opinião, em que “estar do contra”, além de um exercício de risco, pode ser também uma lufada de ar fresco.

Não me refiro obviamente ao “estar do contra, porque sim”, aquele ditado por traços de carácter pouco abonatórios, como o ser teimoso, ou por sentimentos pouco meritórios, como o despeito, ou ainda por manifesta ausência de bom-senso no reconhecimento da pertinência das razões do outro. E é mesmo destas razões que se trata. O outro, os outros têm sempre as suas razões como nós temos as nossas e é no confronto de ambas que crescemos individualmente e promovemos o desenvolvimento da nossa sociedade. Hoje trago algumas das minhas razões para contrapor às razões dominantes. Por isso me sinto do contra.

Sou contra o regresso da Educação Física contar para a média do Secundário. O exercício físico promove a saúde que queremos para todos e pode até contribuir para melhorar funções executivas que queremos também promover? Creio ser pacífico. Daqui até entrar para a média que decide o curso e a escola a que o jovem terá acesso no fim do 12º ano, vai uma longa distância...que, em todo o caso, posso ajudar a preencher...

O bom aluno pode estudar todas as matérias que o seu professor de educação física lecciona e ter 100% no teste, mas o peso da teoria na nota final é reduzido. Claro, dir-me-ão, é o exercício físico que conta. Pois é..., mas algumas destas aulas, por exemplo, são preenchidas com jogos de conjunto, em que os colegas vão escolhendo quem faz parte da sua equipa. Os mais baixos, por exemplo, não são escolhidos para o jogo de basketball ou de volley e passam a hora sentados..., e passam muitas aulas sentados a verem outros jogarem. No fim têm uma nota que condiciona as suas ambições futuras.

E podia continuar com exemplos ridículos de tão paradoxais serem, como o de jovens atletas federados em modalidades inexistentes no ginásio da escola e que neste pequeno feudo têm avaliações desoladoras. E, afinal, fazem exercício físico... Mas também há os que não o fazem de todo, como os que obtêm um atestado médico e passam a ser avaliados apenas na componente teórica em que, à semelhança do que já obtêm nas outras disciplinas, rondam os 100%...e, então, têm a nota que precisam para manter a sua média.

Mas, afinal, por que será necessário saber regras de desporto e ter proficiência física para ser médico, engenheiro, arquiteto, biólogo, etc., etc.? Não bastaria, quanto muito, a obrigatoriedade de obter aprovação sem uma quantificação com impacto na média? E com tantas diferentes áreas de formação importantes para um desenvolvimento equilibrado, porque temos a Educação Física equiparada à Língua Portuguesa, isto é, até ao 12º e a contar para a média?! Nem a Matemática recebe tal honraria...

Mas se queremos outros saberes e outros fazeres complementares na educação dos nossos jovens, porque não considerar a Educação Musical? O impacto da educação musical no desenvolvimento das capacidades neuronais, particularmente ao nível da linguagem e da memória, estimulando as capacidades cognitivas e contribuindo para uma maior plasticidade do funcionamento cerebral está cientificamente comprovado... E, todavia, nem sequer está no currículo do Secundário... Está igualmente comprovado que a música desenvolve sensibilidade emocional, reduz o stress, promove a qualidade do sono..., sendo assim decisiva também para a saúde. O seu lóbi, porém, é menos vigoroso do que o da Educação Física, o que determina que continue arredado da educação dos nossos jovens enquanto a Educação Física se volta a impor como um filtro ao futuro dos nossos jovens. Eu, sou do contra!

M. Patrão Neves

www.mpatraoneves.pt